

A “CHACINA DE BELÉM”: MILÍCIA E CONFIANÇA NA INSTITUIÇÃO POLICIAL MILITAR NO BAIRRO TERRA FIRME EM BELÉM-PA

Layene Caroline Sousa de Souza^{1*}, Ádria Siane Santos Santos^{1*}, Fernanda Valli Nummer²

1. Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (FACS/IFCH/UFGPA)
2. Professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) da Universidade Federal do Pará (IFCH/PPGCP/UFGPA) – Faculdade de Ciências Sociais (FACS)/Orientadora

Resumo

O objetivo dessa pesquisa é compreender os sentidos atribuídos a “Chacina de Belém” e os impactos na confiança da instituição policial militar entre membros de coletivos sociais atuantes no bairro Terra Firme em Belém - PA. Foram realizadas *lives* via *google meet* com oito membros dos coletivos que, apesar da pandemia, continuaram suas atuações no bairro em 2020. O roteiro de discussão é composto por questões norteadoras que envolviam os temas: violência, segurança e políticas públicas. A desconfiança e o medo causados pelas milícias compostas também por policiais militares transformaram a rotina da comunidade e é um dos principais fatores para possíveis descréditos na legitimidade das ações policiais militares. Os efeitos da chacina na comunidade ainda vívidos e o temor de novos extermínios, além da certeza de que nas milícias participam membros da polícia militar, impactam na cultura da confiança na instituição.

Palavras-chaves: Comunidade; Polícia; Desconfiança

Apoio financeiro: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFGPA)

Introdução

O bairro Terra Firme em Belém, Pará, é um dos mais populosos da cidade com cerca de 62.000 habitantes, economicamente ativo pelo comércio de rua e por sua feira livre. Apesar de ser conhecido pelos altos índices de violência e carência de serviços públicos, também é valorizado como espaço de cultura popular e resistência política da periferia da cidade. Em 2014, o bairro viveu a “Chacina de Belém”. A “Chacina de Belém” foi um evento de assassinato coletivo que resultou na execução de dez pessoas, sendo cinco moradores do bairro. Iniciou com a morte de um policial militar por membros de uma facção envolvida no tráfico de drogas no bairro. Esse policial “vendia” segurança aos comerciantes da região e chefiava um grupo de milícia. Em retaliação, seus companheiros de trabalho organizaram através das redes sociais uma série de homicídios como forma de “vingar” a morte dele. A Assembleia Legislativa do Pará em 2015, realizou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as milícias e foi confirmado que nenhuma das dez vítimas tinham envolvimento na morte do policial. Dois policiais e os dois responsáveis pela morte do policial foram condenados pelo evento.

Esse evento afetou a relação que os moradores do bairro têm com as instituições de Segurança Pública, especialmente com a polícia militar. A confiança na polícia militar é importante de ser estudada nessas circunstâncias, pois desde o final de ano de 2019 o bairro da Terra Firme foi escolhido para o projeto piloto da política pública TerPaz, por estar entre as localidades de maior incidência de criminalidade. O TerPaz é uma política pública que faz parte das estratégias de governo estadual de combate à criminalidade e redução da violência na capital e região metropolitana e tem duas frentes de atuação: Ações de Segurança Pública e Ações Sociais.

A categoria confiança nas instituições está sendo compreendida como a expectativa de que os agentes públicos cumpram suas funções visando o bem coletivo, sem o favorecimento ou prejuízo de um determinado grupo (OFFE, 1999). De acordo com essa definição, a democracia e o direito à cidadania estariam assegurados. A literatura sociológica indica que a confiança nas instituições está relacionada a crenças, valores e vivências em que estão situados

os cidadãos (MOISÉS; 2005), status socioeconômico, tipos de contato com a polícia, satisfação com os serviços prestados, experiências pessoais com a polícia, efeito da mídia, da idade, gênero e raça (BEATO; 2013) e vitimização pelo crime (SILVA, RIBEIRO; 2016).

Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos atribuídos a “Chacina de Belém” e os impactos da confiança na instituição policial militar entre membros de coletivos sociais atuantes no bairro, pois acredita-se que esses sujeitos influenciam comportamentos coletivos.

Metodologia

A pandemia dificultou a coleta de dados em campo, assim recorreu-se a realização de *lives* via *google meet* com oito membros dos coletivos que, apesar da pandemia, continuaram suas atuações no bairro em 2020. O roteiro de discussão é composto por questões norteadoras que envolviam os temas de violência, segurança e políticas públicas. Interessante destacar que o tema da chacina foi um assunto espontâneo nas conversas. As informações foram gravadas, transcritas e analisadas através de análise de conteúdo.

Resultado e Discussão

A “Chacina de Belém” está marcada na memória dos sujeitos entrevistados. Os detalhes de como aqueles dias foram vividos pela comunidade e aparecem nos relatos da história do bairro como dias de terror reavivando sentimentos de desalento, comoção e impunidade. Os dados sobre o impacto da confiança na polícia militar foram classificados em duas categorias: desconfiança e medo.

A desconfiança na instituição policial militar está relacionada ao fato de que essas milícias têm em suas composições membros da própria corporação. Devido aos acontecimentos a comunidade não consegue confiar na polícia, mesmo que os entrevistados reconheçam que apenas alguns policiais estão envolvidos em milícias, eles referem-se que todos os policiais não são confiáveis.

“Eu acho que foi de notório conhecimento que, na composição das milícias que executou várias pessoas pelo bairro eram de agentes de Segurança pública. Eu também não gosto nem de ver essas figuras envolvidas em grupo de militar como agente de segurança pública, mas infelizmente eles surgem de dentro dessa estrutura...” (ENTREVISTA I, 2020).

Isso provoca uma influência negativa sobre as ações policiais (SILVA; RIBEIRO, 2016). As milícias são poderes paralelos, grupos criminosos que se organizam para exercerem funções que são do Estado. Caracterizam-se por serem lucrativas economicamente, territorialistas, fortemente armadas, têm agentes de segurança pública entre seus membros e vetor político (COUTO, BEATO FILHO; 2019).

A simples visão da passagem de uma viatura da polícia militar é motivo de temor de atos de violência e recolhimento para dentro de casa. Quando a presença da Força Nacional esteve no bairro, houve um “toque de recolher” informal acordado pelos moradores na tentativa de evitar encontros. De acordo com um dos entrevistados “[...] não é muito bom ficar até 22 horas no canto, porque vai pegar uns tapas dos pelas, vai pegar um baculejo. Então, é que nem aquele conselho de mãe, eu acho que é um conselho de mãe coletivo que toda comunidade tem!” (ENTREVISTA IV, 2020). Quando o nível de confiança na instituição policial é baixo há maior tendência de que as comunidades percebam as ações da polícia como ilegítimas (BEATO; 2013).

O medo que surge é o resultado da impunidade nos crimes que ocorrem no bairro, pois a polícia não consegue garantir os direitos dos cidadãos. Este sentimento é associado as ações de extermínios dos “carros prata” e das “motos com dois passageiros com capacete”, que atingem uma pessoa ou um grupo com armas de fogo. Essas ações envolvem as milícias que atuavam no bairro. O sentimento de medo que a comunidade vivenciou durante os dois dias de chacina e que ainda é sentido pelas práticas de extermínio adotadas pelas milícias, o fato de que policiais militares eram milicianos, o medo iminente da morte “por estar no lugar errado na hora errada” e o assassinato por agente de segurança como algo banalizado transformou a rotina da comunidade e impactam de forma negativa na cultura da confiança à instituição.

“[...] a casa do pobre são passíveis de serem violadas, a casa daqueles que detém o poder econômico são resguardadas, então isso é uma questão que precisa aprofundar esse debate.” (ENTREVISTA I, 2020).

“[...] quem é um pouco mais escurinho é suspeito, quem é um pouco mais de uma tonalidade café com leite também é suspeito. Agora quando se tem uma pessoa branca, dos olhos azuis, que não tem tatuagem e que não tem trejeitos, é recomendável não fazer a abordagem.” (ENTREVISTA IV, 2020).

A diferença no tratamento policial que a comunidade percebe gera efeitos negativos no nível de confiança, porque a ideia de "igualdade perante a lei" é que todos sejam tratados de uma forma padrão, sem diferenças. Mas, o que temos é justamente a diferenciação de acordo com a classe econômica, etnia e gênero (SILVA; BEATO, 2013). Essa forma de atuação seletiva da polícia só aumenta os conflitos com a comunidade.

Conclusão

Os resultados obtidos aqui são importantes, pois a atual Política Pública de Segurança implementada no bairro, os Territórios pela Paz (TerPaz), inclui uma proposta de polícia de proximidade além de ações sociais, que precisa pensar primeiramente em desenvolver uma cultura de confiança na polícia militar. Essa cultura de confiança passa por atuações mais rigorosas da instituição no desmantelamento das milícias com o desenvolvimento de um programa de polícia de proximidade que crie na comunidade um sentimento de segurança em relação as suas ações operacionais e atuações conjuntas de ação social e segurança para que a comunidade compreenda seu protagonismo na redução da violência no bairro. O sentimento de segurança e redução do medo da instituição polícia militar é papel fundamental de uma instituição democrática.

O sentimento de desconfiança por parte da comunidade advém de suas experiências negativas com as ações policiais, principalmente pela associação de policiais às milícias e ao que eles relatam como abuso policial. A “Chacina de Belém” intensificou o sentimento de temor gerando assim a descredibilidade na força policial. Além disso, a implantação da política do Ter Paz tem como objetivo expandir-se para além das ações ostensivas e repressivas fazendo com que a comunidade tenha uma relação de proximidade com a polícia. Entretanto, a comunidade ainda tem grande dificuldades em compreender essa aproximação.

Há ainda um longo caminho a ser traçado em relação a efetivação dessa política do Ter Paz e sua atuação no bairro da Terra Firme. De forma que ela venha atuar de maneira benéfica em alguns setores, não somente como assistencialista. Sendo necessário um diálogo maior com a comunidade para que os reais problemas estruturais do bairro sejam compreendidos e que as mudanças possam ocorrer de forma efetiva e a longo prazo. É fundamental desconstruir a visão negativa que se tem em relação às forças policiais, que objetivam a prevenção da criminalidade. Pois, a relação entre comunidade e polícia precisam ser de confiabilidade, mas para isso deve-se ter uma política pública de combate à violência e a criminalidade eficaz através do diálogo.

Referências Bibliográficas

BEATO FILHO, C. COUTO, V. Milícias: o crime organizado por meio de uma análise das redes sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, SBS, v. 07, n. 17, set.-dez 2019.

MOISÉS, J. A. A desconfiança nas instituições democráticas. **Opinião Pública**, UNICAMP: Campinas, v. XI, n. 1, mar. 2005.

OFFE, C. How can we trust our fellow citizens?. In: WARREN, M. E. (Ed.). *Democracy and trust*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SILVA, G. F.; BEATO, C. Confiança na polícia em Minas Gerais: o efeito da percepção de eficiência e do contato individual. **Opinião Pública**, UNICAMP: Campinas, v. 19, n. 1, jun. 2013.

SILVA, G. F. da; RIBEIRO, L. M. L. Confiança nas instituições democráticas e vitimização por crime: qual a relação? **Revista Sociologia e Política**, UFPR: Curitiba v. 24, n. 58, jun. 2016.